

OSWALDO RODRIGUES CABRAL
E A FORMAÇÃO DA ANTROPOLOGIA EM SANTA CATARINA

Oswaldo Rodrigues Cabral and the formation of Anthropology in Santa Catarina

Amurabi Oliveira

Doutor em Sociologia pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), Professor da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Pesquisador do CNPq.

Inaê Barbosa

Graduanda em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Bolsista de Iniciação Científica (CNPq).

RESUMO. A história da antropologia no Brasil tem sido continuamente revisitada. Porém, neste processo é recorrente a reafirmação de hierarquias acadêmicas que invisibilizam aquelas antropologias consideradas “provincianas”. Visando contribuir com esse debate, este artigo traz alguns elementos para compreendermos a formação da antropologia em Santa Catarina a partir da atuação de Oswaldo Rodrigues Cabral (1903-1978) entre as décadas de 1950 e 1960. A análise será realizada principalmente a partir dos documentos da Faculdade Catarinense de Filosofia (FCF), mas considerando também a atuação de Cabral em outros espaços neste mesmo período.

PALAVRAS-CHAVE. História da Antropologia; Antropologia Brasileira; Antropologia em Santa Catarina; Estudos do Folclore.

ABSTRACT. The history of anthropology in Brazil has been continually revisited, but in this process it is recurrent the reassertion of academic hierarchies that make invisible those anthropologies considered "provincial". In order to contribute to this debate, this article brings some elements to understand the formation of anthropology in Santa Catarina from the role of Oswaldo Rodrigues Cabral (1903-1978) between the 1950s and 1960s. The analysis will be carried out mainly from the documents of the Catarinense Faculty of Philosophy, but also considering the performance of Cabral in other spaces in this same period.

KEYWORDS. History of Anthropology; Brazilian Anthropology; Anthropology in Santa Catarina; Studies of Folklore.

INTRODUÇÃO

Os desafios que têm sido colocados para pensarmos uma antropologia cada vez mais no plural vão para além de problematizar a relação entre norte e sul global, ou mesmo entre centro e periferia. Deve-se reconhecer também como há sempre “subcolonialidades”, que reforçam e reificam hierarquias acadêmicas, que amiúde invisibilizam histórias, trajetórias e agentes que foram relevantes a seu tempo e em seus contextos no processo de rotinização do conhecimento antropológico, não apenas através da pesquisa, como também do ensino.

Este cenário, ao menos no caso da antropologia brasileira, se constrói ante a um processo acadêmico de consolidação de determinada perspectiva que se projeta e se impõe como nacional, ainda que seja claramente localizado, e em última instância provinciano, como demonstra uma análise mais acurada. Como bem apontam Reesink e Campos (2014, p. 77), pensando o caso do Norte-Nordeste, mas que também pode se aplicar a outras regiões do país, principalmente aquelas fora do “eixo Rio-São Paulo”¹:

A instauração e consolidação de um projeto de hegemonia geopolítico-acadêmico, no campo da antropologia, se dão através da constituição de um “complexo mítico das ciências sociais”, produzindo uma mensagem “consistente”, cuja estratégia privilegiada é a aplicação de uma deformação ideológica *pro causa sua*.

Partindo dessa análise do campo, buscamos, assim, contribuir para uma revisão da história da antropologia no Brasil, ao mesmo tempo em que desenvolvemos também uma reflexão sobre o ensino desta ciência, pensado a partir de suas transformações no tempo. Este exercício será realizado através da apresentação de alguns dos resultados parciais da pesquisa em curso acerca da história das ciências sociais em Santa Catarina, destacando-se aqui a atuação de Oswaldo Rodrigues Cabral (1903-1978) na Faculdade Catarinense de Filosofia (FCF), entre as décadas de 1950 e 1960, no processo de formação da antropologia neste estado.

Ainda que sejam bastante conhecidos nacionalmente nomes como dos antropólogos Egon Schaden (1913-1991) e Emilio Willems (1905-1997) – tendo sido o primeiro assistente do segundo – que realizaram pesquisas em Santa Catarina, é

¹ Apesar de comumente se falar de eixo “centro-sul” é interessante perceber que as ciências sociais no Sul do Brasil também são invisibilizadas, especialmente no caso de Santa Catarina - como podemos perceber pela publicação da CAPES organizada na década de 1950 sobre as ciências sociais no Brasil, que não faz menção a este estado, apesar de analisar os casos do Paraná e do Rio Grande do Sul (PINTO, CARNEIRO, 1955).

importante lembrar que eles desenvolveram suas trajetórias acadêmicas principalmente no estado de São Paulo, junto à Universidade de São Paulo (PEREIRA, 1994). Do mesmo modo, Silvio Coelho dos Santos (1938-2008), que fora assistente de Oswaldo Cabral, apesar de ter desenvolvido sua carreira no estado de Santa Catarina, pertenceu a outra geração de pesquisadores, mais afinada com os atuais parâmetros de cientificidade do campo da antropologia, tendo obtido o título de doutor em antropologia em 1972 junto à Universidade de São Paulo, além de ter sido presidente da Associação Brasileira de Antropologia, e organizador da IX Reunião Brasileira de Antropologia em 1974 na cidade de Florianópolis.

A base empírica da qual partimos é constituída principalmente pelos arquivos da Faculdade Catarinense de Filosofia (FCF) depositados no Arquivo Central da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), em Florianópolis. Porém, como já indicado, trata-se da divulgação dos primeiros resultados parciais de uma pesquisa em curso e, portanto, pressupõe uma continuidade através de trabalhos futuros. Para uma melhor compreensão por parte do leitor, organizamos o artigo em mais três subtópicos: a) no primeiro exploramos a relação de Oswaldo Cabral com a antropologia, situando-se também em diálogo com a história; b) apresentação do percurso metodológico da pesquisa; c) em seguida, será explanada a questão da antropologia na FCF, indicando seu lugar nessa estrutura e de que forma Oswaldo Cabral foi desenvolvendo esse espaço; d) por fim, realizaremos algumas breves considerações sobre como ele se inseriu em outros espaços de consagração intelectual através de publicações especializadas, situando-se no campo da antropologia brasileira a partir de uma produção voltada para o folclore; seguem-se então as considerações finais após estes subtópicos.

OSWALDO CABRAL ENTRE A HISTÓRIA E A ANTROPOLOGIA

Um primeiro dado que chama a atenção na leitura do legado de Oswaldo Cabral é seu amplo reconhecimento como historiador, talvez mais que como antropólogo. Apesar de ter integrado a Sociedade Brasileira de Sociologia e a Associação Brasileira de Antropologia, ele também teve uma intensa atuação no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, na Comissão Nacional de Folclore e na Academia Paulista de

História² (SANTOS, 1979). Ademais, no plano mais local foi membro do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina (entre 1935 e 1975), da Academia Catarinense de Letras (ocupando a cadeira número 17 em 1938) além de deputado estadual (por duas legislações entre 1947 e 1955)³.

Esta situação limítrofe entre a história e a antropologia, que era vivenciada por Cabral, não era exclusiva sua. Lembremos que Gilberto Freyre (1900-1987), para citar um exemplo bastante conhecido, não se classificava exclusivamente como sociólogo, antropólogo ou historiador, localizando-se sempre entre estas ciências⁴ (FREYRE, 1968).

Deve-se atentar aqui para três questões principais neste caso: a) a divisão disciplinar existente nesse momento ainda era bastante incipiente, o que era aprofundado nos polos distantes dos grandes centros, uma vez que os primeiros cursos de ciências sociais surgem ainda na década de 1930 em São Paulo e no Rio de Janeiro⁵, porém apenas na década de 1970 em Santa Catarina; b) a concepção de ciências sociais era distinta neste momento, havendo uma compreensão mais ampla, que abarcava além da sociologia e da antropologia, também a história, a geografia, a economia, a psicologia etc.; c) neste cenário o caso mais comum é do intelectual autodidata, especialmente em ciências que haviam começado a se institucionalizar no Brasil, tais como a antropologia e a sociologia.

Cabral era autodidata tanto no campo da história quanto da antropologia. Sua formação acadêmica se deu no campo da medicina, tendo ele se graduado na Escola de Medicina do Rio de Janeiro (1929), cuja tese de colação de grau intitulou-se “Os problemas educacionais de higiene” (GUERRA, 2008). O trânsito entre a medicina e antropologia era relativamente comum entre o final do século XIX e as primeiras décadas do século XX, como bem atesta os casos de Raimundo Nina Rodrigues (1862-

2 Dentre os documentos pesquisados até o momento não encontramos as datas precisas, ainda que no caso da Comissão Nacional de Folclore sua participação date ao menos desde 1948 – quando é fundada a sub-comissão de Santa Catarina, que teve como seu primeiro Secretário Geral o professor Oswaldo Rodrigues Cabral.

3 Cabral participou também de outras associações locais como os Institutos Históricos e Geográficos da Bahia, Minas Gerais, Paraná, Pernambuco, Rio Grande do Sul e membro das Academias de Letras do Paraná, Piauí e Santa Catarina.

4 Interessante perceber que Freyre foi um dos poucos de sua geração que contou com uma formação acadêmica em ciências sociais no sentido estrito, pois, apesar de ter realizado seus estudos em História Social na Universidade de Colúmbia, chegou a fazer ao menos dois cursos no Departamento de Antropologia e mais dois no Departamento de Sociologia desta instituição, segundo documentação consultada na Fundação Gilberto Freyre.

5 Os primeiros cursos de ciências sociais criados no Brasil são os da Escola Livre de Sociologia e Política de São Paulo (1933), Universidade de São Paulo (1934), Universidade do Distrito Federal (1935).

1906), Arthur Ramos (1903-1949) e René Ribeiro (1914-1949), e um esforço maior na direção de diferenciar ambas as áreas deve ser compreendido como uma elaboração *a posteriori*. Como bem nos elucida Corrêa (2013, p. 26):

A própria definição de cientistas sociais como antropólogos é muito recente e parece estar ligada tanto a razões de ordem prática, consequência das divisões disciplinares institucionalmente criadas – não só na universidade, mas também em fundações concessionárias de financiamento de pesquisas e nos órgãos governamentais da área da educação –, quanto a influências teóricas ou relações políticas no sentido amplo (Peirano, 1980). Essa distribuição disciplinar parece ter criado a necessidade de apropriação, ou exclusão, *a posteriori*, de pesquisas, pesquisadores ou temas em cada uma das áreas das ciências sociais que vão ganhando contornos mais nítidos pela ampliação de seus recursos humanos e institucionais. E parece também tornar inevitável a colocação das perguntas: como desembaraçar a antropologia dos laços que pareciam prendê-la tão fortemente, no passado, a disciplinas hoje dela tão diferenciadas como a medicina ou o direito, por exemplo? Como criar para ela um percurso, uma trajetória, bem definidos, cujo ponto de chegada sejam nós, antropólogos contemporâneos?

Desse modo, o perfil “heterodoxo” de Oswaldo Cabral como antropólogo fica mais claro quando situado em seu contexto, distando de uma compreensão contemporânea dos pesquisadores desse campo, porém aproximando-se dos modelos formativos predominantes na época. Mais que isso, pretendo demonstrar, nas sessões seguintes, que na medida em que as regras de consagração do campo acadêmico foram mudando, especialmente no âmbito local, Cabral buscou incorporar elementos que lhe possibilitassem se legitimar como antropólogo.

METODOLOGIA DA PESQUISA

Este artigo originou-se de uma pesquisa em andamento que tem por objetivo investigar os processos de institucionalização das ciências sociais no ensino superior em Santa Catarina (SC). Por tratar-se de um processo histórico, no qual acontecimentos do passado ganham especial relevância para sua compreensão, a pesquisa documental constitui-se em uma iniciativa tão indispensável quanto fecunda. Ou seja, para remontar a história das ciências sociais (ou melhor, fragmentos dela⁶) nosso trabalho de campo se

6 Concordando com Haraway (1995), sendo a produção de conhecimento sempre localizada (ou seja, situada a partir das posições que ocupa o sujeito na sociedade e que é estruturada por gênero, raça, nação, classe etc.), todo conhecimento é também parcial pois “[...] não há maneira de ‘estar’ simultaneamente em todas [...] das posições” (HARAWAY, 1995, p. 26). Portanto, por mais que se pesquise, nunca será

realiza junto aos arquivos, especialmente os relatórios de ensino produzidos no âmbito da FCF.

Diferentemente do que se poderia inferir, uma antropologia dos arquivos dista significativamente do que ficou conhecido como “antropologia de gabinete”, que alicerçava a produção do conhecimento antropológico sobre determinados grupos sociais em relatos produzidos por terceiros. Uma antropologia dos arquivos propõe-se a observá-los enquanto produtos culturais de determinados grupos e de épocas específicas, de forma que “[...] não só a natureza do que os usuários dos arquivos chamam de ‘documento’, mas também os contextos de sua produção e os invólucros institucionais que os protegem, preservam e autorizam” (CUNHA, 2005, p. 8) constituem-se em questões-chave. Com isso, nas palavras de Cunha (2004, p. 292, grifo da autora), “[...] os arquivos tornaram-se então territórios onde a *história* não é buscada, mas contestada, uma vez que constituem *loci* nos quais outras historicidades são suprimidas”.

Ou seja, enquanto a antropologia de gabinete se voltou para documentos produzidos *sobre* certos grupos sociais e os concebeu enquanto dados inquestionáveis, a antropologia dos arquivos volta-se para documentos produzidos *por* grupos sociais de forma crítica, a fim de problematizá-los; concebendo-os enquanto “[...] um produto específico da articulação de estruturas e agências concretas” (PORTO, 2007, p. 127 apud COSTA, 2010, p. 182).

Portanto uma antropologia dos arquivos busca desvencilhar-se da ideia de que documentos (ou qualquer outro tipo de registro histórico) representam a realidade. Como se aquilo que é arquivado pudesse “congelar” verdades sobre acontecimentos, sujeitos, instituições, coisas e/ou lugares para que qualquer pessoa possa acessá-las na íntegra. Ao contrário, por meio de pesquisas em arquivos pode-se produzir diferentes narrativas sobre os mesmos acontecimentos, sujeitos, instituições, coisas e/ou lugares. Narrativas essas que podem inclusive se contradizerem, pois é possível tanto reafirmar narrativas consagradas com novos elementos quanto miná-las, apresentando outros sentidos, novas perspectivas e interpretações. E como em qualquer tipo de pesquisa antropológica, a produção de narrativas sobre o que se pesquisa em arquivos está diretamente ligada às perguntas feitas por quem pesquisa antes, durante e após a ida ao campo (CUNHA, 2005). Nesse sentido, pode-se afirmar que o arquivo é “um campo

possível abarcar a totalidade de um fenômeno pois, não sendo sujeitos oniscientes, observamos apenas partes específicas da realidade.

eminentemente político” (CUNHA, 2005, p. 9) pois nele representações sobre o passado e o presente entram em disputa e são legitimadas.

Os arquivos se constituem então em campo antropológico na medida em que antropólogos e antropólogas pretendem não só ouvir e analisar o que “falam” (por meio de documentos) os sujeitos e os grupos que estudam, mas também conhecer os contextos (social e simbólico) da produção desses documentos. Ou seja, mais que as “vozes” dos sujeitos e dos grupos, uma antropologia dos arquivos se propõe a tomar como objeto de análise “as condições de produção dessas ‘vozes’” (CUNHA, 2004, p. 293).

Para desenvolver a pesquisa sobre a institucionalização das ciências sociais no ensino superior em Santa Catarina nos voltamos, primeiramente, para o Arquivo Central da UFSC⁷ que conta com um conjunto de documentos da FCF⁸ em seu acervo. O direcionamento da pesquisa para esse acervo se deu porque a partir da década de 1950 o ensino de ciências ganhou espaço nos cursos de Filosofia, Geografia e História⁹ da FCF, por meio da criação das cátedras de Sociologia (no curso de Filosofia), Antropologia Cultural (nos cursos de Geografia e História), Antropologia Física (no curso de Geografia) e Etnografia do Brasil (no curso de História). Além disso, como afirma Oliveira (2018, p. 118):

(...) apesar de não serem as primeiras cátedras nesta área, encontra-se aí o gérmen para o desenvolvimento das ciências sociais no estado, uma vez que esta faculdade posteriormente foi incorporada à Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), possibilitando o surgimento de um curso próprio na década de 1970.

No índice organizado pelo Arquivo Central da UFSC é indicado que os documentos da Faculdade Catarinense de Filosofia estão armazenados em 77 caixas e a organização deles se deu segundo suas respectivas naturezas (atas, livros de registro, ofícios, balanço contábil, relatórios, legislação, programas de disciplinas, contratos, procurações, editais, recibos, correspondências, portarias, certidões etc.). Os documentos com os quais trabalhamos com mais dedicação fazem parte de três dessas

7 Como consta no site do Arquivo Central da UFSC, “o Arquivo Central tem sob sua responsabilidade a guarda e preservação do acervo, constituído por documentos produzidos e recebidos pelas unidades administrativas e acadêmicas existentes, bem como as já extintas, organizados de acordo com a proveniência, totalizando 1.243,0 metros lineares”. Disponível em: <http://arquivocentral.ufsc.br/o-arquivo-3/acervo/> Acesso em: 08/07/2018.

8 A FCF foi criada em 1951 e as aulas tiveram início no ano de 1955.

9 Em 1955 História e Geografia formavam um único curso. No ano seguinte passaram a constituir dois cursos independentes (SANTOS, 2006, p. 17).

naturezas: a ata da sessão de fundação da FCF, os editais dos concursos para admissão de estudantes e os relatórios de ensino produzidos pelos docentes.

Em um primeiro artigo publicado a partir desses documentos, Oliveira (2018) observa que a fundação da FCF envolveu uma série de membros das elites locais, como o Desembargador Henrique da Silva Fontes, que fora presidente do IHGSC, Oswaldo Bulcão Viana, Victor da Luz Fontes, Monsenhor Frederico Hobold, Pe. João Alfredo Rohr, que foi diretor do Colégio Catarinense, Pe. Alvino Braun e Oswaldo Rodrigues Cabral¹⁰ que circulavam por certos espaços como o Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina (IHGSC), o Colégio Catarinense, a Academia Catarinense de Letras e as demais faculdades já existentes na época¹¹. Além disso, aponta que tanto a formação de professores para o ensino secundário quanto de elites culturais¹² constava entre os objetivos da fundação dessa faculdade.

Contudo, a análise de Oliveira (2018) centra-se nos relatórios de ensino produzidos pelos docentes da FCF, mais especificamente das cátedras de sociologia e antropologia cultural – que se aproximam mais da compreensão de ciências sociais vigentes na atualidade. Com isso, Oliveira observou que as teorias e os autores que compunham o conteúdo das aulas dessas duas cátedras possuíam afinidades com o que estava sendo produzido e discutido nos “grandes centros de produção do conhecimento”. Assim, desmistifica a ideia de que as ciências sociais desenvolvidas fora desses centros, nas periferias intelectuais, eram em verdade “pré-científicas” e “provincianas”.

Em um segundo momento da pesquisa, voltamo-nos para o acervo do MARquE (Museu de Arqueologia e Etnologia – Oswaldo Rodrigues Cabral da UFSC) a fim de analisar documentos referentes a fundação do Instituto de Antropologia da universidade. Os documentos do Instituto se encontram no acervo do MARquE (e não no Arquivo Central da UFSC) porque com a reforma universitária de 1970 as cátedras e as faculdades da universidade transformaram-se em departamentos e centros, ao tempo em que o Instituto transformou-se em Museu (SANTOS, 2006). Portanto, o atual MARquE é

10 A fim de melhor analisar a participação de Oswaldo Cabral no processo de formação da antropologia em SC, um artigo foi produzido e está no prelo.

11 Como a Faculdade de Direito, a de Ciências Econômicas, a de Farmácia e Odontologia e a de Medicina.

12 Um artigo sobre a atuação da FCF como um espaço de formação de elites culturais está sendo produzido pelos autores, tendo como ponto de partida de análise os editais dos concursos para admissão de estudantes na FCF.

o antigo Instituto de Antropologia e os registros históricos da instituição estão armazenados no acervo do Museu.

O Instituto de Antropologia foi inaugurado em 1968 por Oswaldo Cabral, portanto foram apenas dois anos de atividades que antecederam sua transformação em museu e sua descaracterização enquanto um *locus* de pesquisa e ensino no campo antropológico. Todavia, esse pouco tempo de atividades foi suficiente para que o Instituto fosse reconhecido como “[...]a vanguarda em termos de ensino, pesquisa e extensão na área de Ciências Humanas e, quiçá, na própria Universidade. Era uma organização-modelo e podia rivalizar com outras organizações congêneres existentes no País” (SANTOS, 2006, p. 36).

Suas instalações eram muito bem equipadas com o necessário para a realização de pesquisas e contavam com salas de aula, laboratórios, biblioteca, salas de exposições, oficinas de manutenção, depósito de materiais e anfiteatro. O Instituto também contava com um corpo de docentes e pesquisadores de diversas áreas¹³ e realizava cursos de extensão com bastante frequência. Inclusive docentes e pesquisadores de outras instituições¹⁴ ministraram cursos de extensão no Instituto e participaram de pesquisas desenvolvidas por membros do mesmo, o que demonstra que na época já se promovia o diálogo com *locus* de produção de conhecimento científico de outras localidades do país (SANTOS, 2006).

Mas é curioso o fato de que há no acervo do MARquE, a respeito da inauguração do Instituto em 1968 e das atividades do mesmo até a reforma universitária, apenas os exemplares dos anos I e II da Revista Anais do Instituto de Antropologia. Não há nenhum outro documento da época: nem mesmo atas, relatórios, contratos ou portarias.

É claro que não deixa de ser extremamente fértil a observação e a análise desse material. Não há dúvidas de que muito se pode conhecer da história das ciências sociais no ensino superior em SC a partir do que foi publicado na Revista de Anais do Instituto de Antropologia, ainda mais considerando que o conteúdo de cada exemplar foi escolhido e estruturado pelos sujeitos envolvidos nas atividades da instituição. Ou seja, a revista é constituída por aquilo que se desejava veicular sobre o Instituto. São

13 Entre eles, Oswaldo Cabral (antropologia), Sílvio Coelho dos Santos (antropologia), Walter Piazza (história da América), Anamaria Beck (arqueóloga), Gerusa Duarte (geógrafa), Edison Araújo (odontólogo) e Marcílio Dias dos Santos (antropologia).

14 Como Egon Shaden (USP), Roque Laraia (Museu Nacional), Paulo Duarte (USP), Luiz de Castro Faria (Museu Nacional), Oldemar Blasi (Museu Paranaense), Maria Conceição Beltrão (Museu Nacional) e Wesley Hurt (Universidade de Indiana – EUA).

representações sobre a instituição produzidas e veiculadas pelos sujeitos envolvidos no processo de fundação e manutenção da mesma.

Ao mesmo tempo, não deixa de ser inquietante que um Instituto com a notoriedade que se afirma ter possuído não tenha deixado outros registros históricos que não as Revistas de Anais do mesmo. Nesse sentido podemos concordar com Costa (2010, p. 177) quando afirma que o trato com documentos “[...] permite o desvelamento de intenções, valores, desejos, recuos, presentes não só em tudo que é explicitado, mas também naquilo que é omitido ou dissimulado”. Pois tanto o que é acessível quanto o que não se encontra no arquivo é dado relevante para uma abordagem antropológica.

Como já indicado, estamos aqui realizando uma aproximação inicial em termos de pesquisa com a história da antropologia em Santa Catarina, visando com isso contribuir de forma mais ampla com uma reanálise da história das ciências sociais no Brasil, de modo que parte do material empírico que estamos analisando ainda será objeto de publicações futuras.

A CADEIRA DE ANTROPOLOGIA NA FACULDADE CATARINENSE DE FILOSOFIA

A história da antropologia em Santa Catarina liga-se diretamente à FCF. É interessante perceber que as primeiras experiências de Ensino Superior em Santa Catarina iniciam-se ainda na década de 1930, com a criação em 1932 da Faculdade de Direito de Santa Catarina¹⁵, ao passo que a FCF é fundada em 1951, e tem suas atividades iniciadas em 1955. Essa instituição tinha como uma de suas finalidades a formação de uma dada “elite” cultural. Todavia, a formação de professores para o ensino secundário, em expansão no período, também era uma de suas preocupações fundantes. Funcionaram inicialmente os cursos de Filosofia, Geografia e História, Letras Clássicas, Letras Neolatinas e Letras Anglo-Germânicas.

Apesar de recorrentemente considerar-se o professor Oswaldo Cabral como fundador da cátedra de Antropologia nesta instituição (SANTOS, 2006), na circular n. 2, datada de 15 de fevereiro de 1956, é indicado como professor dessa disciplina o padre Alvinho Bertholdo Braun, possivelmente referindo-se a sua atuação na disciplina de

15 Foram criadas posteriormente a Faculdade de Ciências Econômicas (1943), de Farmácia e Odontologia (1947), e Filosofia e Medicina (1955).

antropologia física¹⁶. De fato, ao tempo da criação da Faculdade, Cabral era mais conhecido pela sua atuação na história, como atesta o fato de ter sido secretário geral do Primeiro Congresso Catarinense de História em 1948, no qual apresentou as “monografias” intituladas “Os açorianos” e “Os juízes de fora do Desterro” (MATOS, 1955).

Oswaldo Cabral esteve envolvido na criação da FCF e lecionou na mesma até 1961 (quando foi incorporada à Universidade de Santa Catarina, transformando-se em Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras). Inicialmente, foi professor titular na cadeira de história antiga e medieval do curso de história, porém em ofício de 1956 (sem data) do diretor em exercício padre Wener José Soell, endereçado ao diretor da diretoria do ensino superior Dr. Jurandyr Lodi, é requerido a transferência de Cabral para a cadeira de antropologia cultural, que naquele momento encontrava-se vaga. Nos termos do documento:

Apresenta como títulos que o recomendam à transferência pretendida, além do diploma universitário que possui, mais as publicações seguintes:

1. Cultura e Folclore – que se encontra em via de tradução para a língua castelhana;
2. Sobrados, casas e chácaras de Nossa Senhora do Destêrro;
3. Da Idade, tese à cátedra de medicina legal;

O requerente é registrado na Diretoria do Ensino Superior, como Livre Docente, por concurso, de Medicina Legal da Faculdade de Direito de Santa Catarina e Professor desta Faculdade, em cujos processos se encontra o “curriculum vitae” do mesmo.

Apreende-se deste documento algumas questões interessantes: a) a aproximação de Cabral com a antropologia cultural através dos estudos do folclore, o que será aprofundado em publicações que ele realizou em anos posteriores; b) sua circulação por diversos espaços institucionais e campos disciplinares, que no seu caso seriam elementos constitutivos de sua identidade como antropólogo; c) a aparente existência de um interesse em se aproximar mais enfaticamente do campo da antropologia, tendo em vista que a cátedra passa a ser, por excelência, o espaço da legitimação científica dentro de um dado campo do conhecimento após o advento das instituições de ensino superior no estado.

16 Sua formação era em filosofia e teologia, tendo atuado anteriormente no Colégio Catarinense - uma das instituições mais tradicionais de ensino do estado, tendo cedido inclusive alguns de seus espaços para o funcionamento inicial da FCF.

Acerca da inserção e envolvimento de Oswaldo Cabral com a questão do folclore - tendo ele estado à frente da Comissão Catarinense de Folclore -, é importante considerar os seguintes aspectos:

Participar do movimento valorizava os intelectuais que se sentiam isolados dos grandes centros. Daí serem identificados como “intelectuais de província”, com fortes ligações com os poderes locais. O movimento privilegiava uma visão da unidade brasileira como resultado do equilíbrio das diversidades regionais e convocava os intelectuais de província a abandonarem a história das elites a que vinham se dedicando e a procederem à descrição da cultura de sua região, seguindo métodos objetivos e científicos orientados pela CNFL e depois, pela Campanha [de Defesa do Folclore Brasileiro] (OLIVEIRA, 2008, p. 92).

De certo modo, podemos compreender este movimento como uma forma de inserção de Cabral nas disputas produzidas pelo campo científico e pelo campo da cultura. A Comissão Catarinense de Folclore se constituiu durante o Primeiro Congresso Catarinense de História, do qual, como já indicado, Cabral fora secretário-geral. Tendo ficado a frente desta comissão, ele também se responsabilizou pelos doze primeiros números de seu boletim, publicado a partir de 1949 (GONÇALVES, 2012).

Deve-se ainda indicar alguns dados sobre a produção apresentada; o livro “Cultura e Folclore”, publicado em 1954 na Imprensa Oficial do Estado, foi premiado pela Comissão Nacional do Folclore e continha o prefácio de Roger Bastide (1898-1974). Já sua tese, tratava de questões legais e consuetudinárias relacionadas às idades cronológica, psicológica e biológica de pessoas em diferentes culturas (SANTOS, 2006).

Como consta em documentos da FCF, o ensino de antropologia ocorria junto aos cursos de geografia e de história, sendo que em ambos havia as disciplinas de antropologia cultural, a cargo de Oswaldo Cabral, e de etnografia do Brasil, a cargo de Jaldyr Baering Faustino da Silva (que era bacharel em direito). No curso de geografia havia ainda a disciplina de antropologia física, como já indicado, que ficava a cargo do padre Alvino Bertholdo Braun. A disciplina de antropologia cultural estava alocada no primeiro ano do curso de história, e no segundo ano do de geografia, sendo aparentemente uma disciplina que possuía um lugar relevante na formação ofertada por esta instituição.

As práticas cotidianas de ensino incluíam a produção de um “Relatório circunstanciado sobre o ensino ao seu cargo”, no qual deveria ser especificada as partes lecionadas do programa.

Cada disciplina deveria apresentar exames escritos e orais, o que se realizava através de pontos a serem sorteados, que deveriam ser depositados na secretaria da Faculdade. Eram indicados ao menos três pontos, cada um deles se desdobrando em três questões. Para ser aprovado, o aluno deveria comparecer a ao menos dois terços das aulas, e obter média final igual ou superior a cinco.

A disciplina de antropologia era lecionada duas vezes por semana, entre 17:30 e 19:10, num pequeno anfiteatro. Normalmente a disciplina iniciava com uma explanação mais geral sobre seus objetivos, partindo para o conceito de cultura entre autores como Linton, Herskovits, Malinowski e Boas. No segundo semestre (considerando o caráter anual das disciplinas) Cabral focalizava em questões como família, matrimônio, parentesco, religião e cultura material. É interessante perceber que sua obra *Cultura e Folclore* passou a assumir centralidade para esta disciplina, especialmente pelo fato de haver poucos manuais de antropologia nesta época, e pelo escasso número de livros dedicados a esta ciência na biblioteca da FCF. Um exame cuidadoso desse material nos leva a perceber que:

[...] as teorias, ideias e autores que aqui circulavam encontravam-se em afinidade com o que estava sendo realizado em outros centros do país naquele período. Este movimento se completava pela própria circulação das elites culturais do estado em determinados espaços, tais como o IHGSC, a ACL, a Faculdade de Direito e a partir de então a própria FCF, compreendida como espaço de formação e reprodução das elites culturais locais, que poderiam ter acesso a partir dali a bens culturais até então inacessíveis, e que apesar dos entraves encontrados, e do isolamento inevitável que uma ilha sempre produz, permaneciam em diálogo com os debates que se desdobravam nacionalmente nas ciências sociais. (OLIVEIRA, 2018, p. 124).

Comprendemos assim, que Oswaldo Cabral figurava naquele momento como um dos principais expoentes desse movimento que a FCF representava para a intelectualidade local, de “desprovincializar” o debate, trazendo por meio de suas aulas para a formação das elites culturais catarinenses autores e teorias que estavam sendo lidos e discutidos também nos grandes centros.

OUTROS ESPAÇOS DE CONSAGRAÇÃO: AS PUBLICAÇÕES

Quando Oswaldo Cabral assumiu a cátedra de antropologia cultural ele já dispunha de um relativo prestígio em nível local, e mesmo nacional, especialmente após a publicação em 1937 de seu livro *Santa Catarina – história, evolução* na coleção “Brasiliana”, da Companhia Editora Nacional.

A partir da década de 1930 há uma significativa expansão do mercado editorial brasileiro, concentrando-se no centro-sul do país o maior número de editoras e de editores (MICELI, 1979). Neste cenário, que coincide, como já vimos, com a criação dos primeiros cursos de ciências sociais no Brasil, ganha destaque ao menos três importantes coleções editoriais: Brasiliana, Documentos Brasileiros e Biblioteca Histórica Brasileira. Como nos indica Pontes (1989, p. 386):

As coleções, nesse contexto, aparecem como um dos espaços privilegiados para a veiculação do pensamento da época. Por essa razão, devem ser analisadas como um dos ‘requisitos institucionais’ que moldaram o perfil do campo intelectual do período.

E em meio às obras que circulavam nessa coleção, aquelas de cunho historiográfico eram as principais publicações.

Apesar de sua consagração e reconhecimento local como um “homem de letras”, dado seu multifacetado espectro intelectual, Oswaldo Cabral também buscou se legitimar no âmbito nacional. Com sua inserção nesta coleção ele se tornou uma das principais, se não a principal, referência na história de Santa Catarina¹⁷. Em uma fase posterior desta coleção, já em 1960, ele publicou uma segunda obra intitulada *João Maria: interpretação da Campanha do Contestado*. Também, como já indicado, sua inserção na Comissão Nacional do Folclore lhe possibilitou outros trânsitos, que de certo modo, em uma dada conjuntura, o aproximaram do debate presente na antropologia brasileira naquele momento.

Fica evidente, assim, que as publicações de Oswaldo Cabral ligadas à questão do folclore encontravam-se afinadas com o debate intelectual de seu tempo. Como bem aponta Villas Bôas (2007), parte significativa da produção acadêmica em ciências

¹⁷ Cabral divide esse prestígio como referência na história de Santa Catarina com Lucas Alexandre Boiteux (1881–1966), historiador catarinense que escreveu diversas obras e inúmeros artigos a respeito de Santa Catarina, com destaque para a sua obra “Notas para a História Catarinense” (1912). Como Oswaldo Cabral, Lucas Boiteux também participou de espaços frequentados pelo círculo intelectual da época como a Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro, o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e a Academia Catarinense de Letras.

sociais entre as décadas de 1940 e 1960 dedicou-se ao tema das “tradições populares”.

Ainda segundo a autora:

Na realidade, o interesse pela cultura popular era então crescente, sendo observado não só a criação de instituições voltadas para a pesquisa do folclore, mas também em manifestações, movimentos e organizações de setores estudantis, artísticos e literários, principalmente no final da década de 1950 e início dos anos 1960 (VILLAS BÔAS, 2007, p. 102).

O argumento que sustentamos aqui a partir das questões postas é, portanto, de que Oswaldo Cabral passou a direcionar cada vez mais seus esforços intelectuais para se deslocar da condição genérica de “homem de letras” para um “especialista” em antropologia, dentro dos quais a publicação incisiva em temas considerados relevantes para a antropologia brasileira naquele momento era fundamental.

Ademais, vale ressaltar que sua inserção no meio intelectual e político da época (ligada ao fato de Cabral ter sido homem, branco e membro de uma elite cultural) teve grande influência no reconhecimento de suas obras no plano local. Deste modo, como afirma Freitas (2012, p.7), “a notoriedade de Cabral foi construída pela extensão de sua obra e pela legitimidade conferida pelo círculo intelectual contemporâneo a sua produção”. Ou seja, para tornar-se uma das principais referências sobre a história de Santa Catarina (apesar de invisibilizado na antropologia brasileira), foi importante circular por espaços culturais, intelectuais e políticos, lecionar, criar alianças e, principalmente, ser reconhecido por seus pares – além de produzir e publicar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apesar da atuação de Oswaldo Cabral no campo da antropologia ter ultrapassado cronologicamente a própria FCF, uma vez que esta instituição foi incorporada à Universidade Federal de Santa Catarina na década de 1960, nossa análise se limita aqui a pensar seu lugar na formação da antropologia neste estado. Todavia, não podemos olvidar a criação do Instituto de Antropologia em 1965, por iniciativa de Oswaldo Cabral, que posteriormente foi transformado no Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade Federal de Santa Catarina no bojo das transformações implementadas pela Reforma Universitária de 1968. Transformações essas que também levaram à incorporação dos antropólogos que faziam parte do quadro deste instituto ao

departamento de sociologia – o que levou Oswaldo Cabral a se afastar, por discordar da nova estrutura universitária.

Estas suas outras iniciativas demonstravam também sua preocupação com a rotinização do conhecimento antropológico, bem como com a própria formação de quadros de pesquisadores nessa área. É no curso de história, junto ao qual funcionava o Instituto de Antropologia, que Oswaldo Cabral arregimentou aquele que se tornou inicialmente seu assistente, e posteriormente o substituiu: Silvio Coelho dos Santos. Além dele, agregou ainda um grupo significativo de pesquisadores que foram importantes na formação do curso de ciências sociais na UFSC na década de 1970. Sendo assim, ainda que não tenha participado diretamente da criação do curso de ciências sociais na UFSC, as condições acadêmicas e intelectuais para tanto foram proporcionadas, em grande medida, pelos esforços que Cabral produziu em período anterior.

Em todo caso, este breve trabalho buscou, antes de mais nada, visibilizar o processo de formação da antropologia em Santa Catarina partindo de um dos agentes principais neste processo. Apesar das mudanças ocorridas no campo das ciências sociais nas últimas décadas terem distanciado o perfil acadêmico de Oswaldo Cabral daquele esperado de um antropólogo profissional, almejou-se demonstrar aqui como que seu perfil e atuação estavam afinados com os embates intelectuais de seu tempo. Mais que isso, este pesquisador realizou de fato um esforço de deslocamento que o aproximou cada vez mais da antropologia, o que se consolidou através dos mais importantes espaços de consagração intelectual do período: a cátedra e as publicações sobre temas considerados relevantes para a antropologia brasileira no período.

Este é um esforço inicial para visibilizar e desvelar parte de uma história pouco conhecida, contribuindo desse modo para a questão mais ampla da própria formação da antropologia brasileira, demonstrando sua heterogeneidade e, sobretudo, a complexidade daquelas antropologias consideradas “provincianas”.

REFERÊNCIAS

CABRAL, Oswaldo Rodrigues. **Cultura e folclore**: bases científicas do folclore. Florianópolis: Comissão Catarinense de Folclore, 1954.

_____. **João Maria**: interpretação da Campanha do Contestado. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1960.

_____. **Santa Catharina** – história, evolução. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1937.

CORRÊA, Mariza. **As Ilusões da Liberdade**: a escola Nina Rodrigues e a antropologia no Brasil. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2013.

COSTA, Maria C. Castilho. Etnografia de arquivos – entre o passado e o presente. **Matrizes**, v. 3, n. 2, p. 171-186, 2010.

CUNHA, Olivia. M. Gomes da. Tempo imperfeito: uma etnografia do arquivo. **Mana**, v. 10, n. 2, p. 287-322, 2004.

_____. Gomes da. Do ponto de vista de quem? Diálogos, olhares e etnografias dos/nos arquivos. **Estudos Históricos**, n. 36, p. 7-32, 2005.

FREITAS, Patrícia de. Como se faz um historiador: o lugar de Oswaldo Rodrigues Cabral na historiografia catarinense. **Revista Santa Catarina em História**, v.6, n.1, p. 1-14, 2012.

FREYRE, Gilberto. **Como e porque sou e não sou sociólogo**. Brasília: Editora Unb, 1968.

GONÇALVES, Janice. Defender o patrimônio tradicional: a atuação dos folcloristas catarinenses entre 1948 e 1958. **Memória e Patrimônio**. v. 8, n. 2, p. 4-25, 2012.

GUERRA, Rogério F. Oswaldo Rodrigues Cabral: notas sobre a trajetória de vida de um intelectual brilhante. **Revista de Ciência Humanas**, v. 42, n. 1, p. 9-60, 2008.

HARAWAY, Donna. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. **Cadernos Pagu**, s/v, nº 5, p.7-41, 1995.

MATOS, Odilon Nogueira. Anais do Primeiro Congresso de História Catarinense. **Revista de História**, v. 10, n. 21-22, p. 537-539, 1955.

MICELI, Sergio. **Intelectuais e classe dirigente no Brasil: (1920-1945)**. São Paulo: Difel, 1979.

OLIVEIRA, Amurabi. O ensino de ciências sociais na Faculdade Catarinense de Filosofia. **Ciências Sociais UNISINOS**, v. 54, n. 1, p. 117-125, 2018.

OLIVEIRA, Lúcia Lippi. **Cultura é patrimônio**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2008.

PEREIRA, João Baptista Borges. Emilio Willems e Egon Schaden na história da Antropologia. **Estudos Avançados**, v. 8, n. 22, p. 249-253, 1994.

PINTO, Costa & Carneiro, Edison. **As ciências sociais no Brasil**. Rio de Janeiro: CAPES (Série Estudos e Ensaios, nº 6), 1955.

PONTES, Heloisa. Retratos do Brasil: editores, editoras e “coleções brasileira” nas décadas de 30, 40 e 50. In: MICELI, Sergio. **História das Ciências Sociais no Brasil**. Vol.1, São Paulo: Vértice, 1989, p. 359-409.

REESINK, Mísia; CAMPOS, Roberta. A Geopolítica da Antropologia no Brasil: ou como a província vem se submetendo ao Leito de Procusto. In: SCOTT, Parry; CAMPOS, Roberta Bivar; PEREIRA, Fabiana (Orgs.). **Rumos da Antropologia no Brasil e no Mundo: Geopolíticas Disciplinares**. Recife EDUFEPE/ABA, 2014, p. 55-81.

SANTOS, Sílvio Coelho dos. A Antropologia em Santa Catarina. In: SANTOS, Sílvio Coelho dos (org.). **Memória da Antropologia no Sul do Brasil**. Florianópolis: Ed. da UFSC, Associação Brasileira de Antropologia, 2006, p. 15-77.

_____. In Memoriam: Oswaldo Rodrigues Cabral (1903-1978). **Revista de Antropologia**, v. 22, s/n, p. p. 277-278, 1979.

VILLAS BÔAS, Gláucia. **A Vocação das Ciências Sociais no Brasil**: um estudo da sua produção em livros do acervo da Biblioteca Nacional 1945 a 1966. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 2007.